

O *ETHOS* DE JAIR BOLSONARO NO PRONUNCIAMENTO PÓS-ELEITORAL DE 2022: UMA ANÁLISE DISCURSIVA

ÉMERSON HENRIQUE DA SILVA MAGALHÃES*

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), São José do Rio Preto, SP, Brasil.

UBIRATÃ ARRUDA DE AQUINO TUBIS MARTINS**

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), São José do Rio Preto, SP, Brasil.


Recebido em: 26 jan. 2024. Aprovado em: 3 abr. 2024.

Como citar este artigo: MAGALHÃES, E. H da S.; MARTINS, U. A. de A. T. O *ethos* de Jair Bolsonaro no pronunciamento pós-eleitoral de 2022: uma análise discursiva. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 24, n. 1, p. 175-192, jan./abr. 2024. DOI 10.5935/cadernosletras.v24n1p175-192

Resumo

Com base no aparato teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa (Maingueneau, 1997, 2010, 2015, 2020), o objetivo é analisar o *ethos*

* E-mail: henrique.magalhaes@unesp.br
 <https://orcid.org/0000-0002-4370-4097>

** E-mail: ubirata.tubis@unesp.br
 <https://orcid.org/0000-0001-9222-3946>

de Jair Bolsonaro no pronunciamento pós-eleitoral (1º de novembro de 2022) das eleições brasileiras de 2022, averiguando a hipótese de que Bolsonaro tenha ou não admitido derrota e/ou tenha ou não aparentado derrota no que diz respeito ao *ethos*, uma dimensão do discurso. Os resultados revelam um *ethos* de tom democrático e caráter resoluto. Ao mesmo tempo que esses traços possam coincidir com a admissão implícita da derrota e condizer com o Estado Democrático, eles buscam, sobretudo, reafirmar a certeza da soberania dos valores bolsonaristas e da necessária neutralização de seu Outro.

Palavras-chave

Análise do discurso. Discurso político. Jair Bolsonaro.

INTRODUÇÃO

Amparados pelos aportes teórico-metodológicos da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, interessa-nos aqui estritamente a maneira como posicionamentos ideológicos são materializados em uma particular variedade dos gêneros do discurso: o gênero pronunciamento presidencial. Mais especificamente, o último pronunciamento presidencial de Jair Bolsonaro (Partido Liberal) após derrota nas eleições presidenciais brasileiras de 2022.

Após a apuração das urnas eletrônicas e o anúncio do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) em 31 de outubro de 2022, a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva (Partido dos Trabalhadores –PT) é declarada. Apesar do reconhecimento do TSE, um clima de tensão é instaurado por apoiadores de Jair Bolsonaro que não reconheceram a legitimidade da vitória de Lula. Soma-se a isso a espera por um pronunciamento oficial de Bolsonaro.

Após mais de 45 horas da confirmação da vitória de Lula pelo TSE, Bolsonaro discursa no Palácio do Planalto. Sobre esse pronunciamento, chamou-nos a atenção as interpretações assumidas por diferentes veículos midiáticos. No Quadro 1, apresentamos algumas manchetes que seguem gradualmente do eixo “não reconhece” ao eixo “reconhece”.

Quadro 1 – Manchetes sobre o pronunciamento pós-eleitoral de Bolsonaro

Portal de notícias	Manchete
<i>Veja</i> (30/12/2022)	<i>Bolsonaro não reconhece derrota e sai do poder pela porta dos fundos</i> (Mattos, 2022)
<i>Carta Capital</i> (1º/11/2022)	<i>Derrotado, Bolsonaro quebra silêncio sem reconhecer abertamente o resultado da eleição</i> (Ohana, 2022)
<i>Valor Econômico</i> (9/12/2022)	<i>Em fala a apoiadores após derrota nas eleições, Bolsonaro faz discurso dúbio</i> (Bouças, 2022)
<i>Metrópoles</i> (1º/11/2022)	<i>Em 1º pronunciamento, Bolsonaro não reconhece derrota e fala em cumprir a Constituição</i> (Costa; Paz; Said, 2022)

Fonte: Elaborado pelos autores.

As diferentes interpretações sobre esse pronunciamento permitem a inquietação típica à AD com relação a essa produção do ex-presidente do Brasil. Especificamente, surge a hipótese de que Jair Bolsonaro não tenha admitido claramente a derrota e, por consequência, reconhecido, durante o pronunciamento, a vitória de Lula, presidente eleito democraticamente. Para a verificação da hipótese, o objetivo deste artigo é analisar o pronunciamento de Bolsonaro, a fim de evidenciarmos o *ethos* de Bolsonaro, buscando responder às seguintes questões: houve reconhecimento da derrota? O *ethos* projetado pelas estratégias linguístico-discursivas de Bolsonaro, nesse pronunciamento, foi o de um político derrotado?

Para responder a essas perguntas, nosso *corpus* compõe-se do único pronunciamento presidencial oficial de Bolsonaro, feito após as eleições brasileiras de 2022, em sua versão em formato escrito, disponibilizada no *site* da Biblioteca da Presidência da República (Pronunciamento..., 2022). Como nosso objetivo é analisar as estratégias linguístico-discursivas do enunciador, a versão escrita e digitalmente disponibilizada é suficiente para averiguação da hipótese estabelecida.

A estruturação do trabalho a seguir compreende: fundamentação teórica; reflexões sobre as condições de produção e sobre o *ethos* pré-discursivo de Jair Bolsonaro; análise do pronunciamento presidencial; resultados obtidos; e, por fim, algumas considerações finais.

CENA DE ENUNCIÇÃO E *ETHOS* DISCURSIVO

Toda enunciação é instaurada por meio de uma cena, composta por uma cena englobante, uma cena genérica e uma cenografia (Maingueneau, 2015). Por essa abordagem da AD, um tipo de discurso (cena englobante), então, engloba a ação enunciativa, que, por sua vez, requer um tipo de gênero de discurso (cena genérica) capaz de cumprir o ato enunciativo preterido.

Por essa perspectiva, gêneros do discurso são regrados por parâmetros situacionais, assumidos por participantes que desempenham papéis. Em um regime presidencialista, como no Brasil, há papéis como presidente da República, governador, vereador etc. Esses exemplos servem para explicitar que, em interações verbais, não nos relacionamos com o locutor λ (o indivíduo enquanto ser do mundo), mas com o locutor L (o sujeito enquanto ser da enunciação), isto é, com facetas, atores sociais (Ducrot, 2020, p. 212). Dessa forma, “a responsabilidade do dizer é partilhada e negociada por esses atores” (Maingueneau, 2010, p. 13).

Ainda, os parâmetros situacionais dizem respeito, no caso do pronunciamento em questão, também aos objetivos (comunicado nacional à população brasileira), ao *mídium* (materialidade disponibilizada digitalmente), à organização textual (texto em prosa, com tópicos temáticos bem delimitados). Quanto aos parâmetros situacionais relativos ao tempo e ao espaço, podemos dizer, sumariamente, que se trata de um momento pós-eleições presidenciais de 2022, em que é esperado que o presidente ainda em exercício reconheça a vitória do candidato com maior número de votos ou, no caso em questão, a vitória do adversário.

Com efeito, é a partir dessas cenas (cena englobante do discurso político + cena genérica de um pronunciamento presidencial) que o discurso de Bolsonaro se materializa pela cenografia. Essa relação compósita entre as cenas englobante e genérica é entendida por Maingueneau (2020) como um quadro cênico, que pode sofrer, mais ou menos, coerções a depender das condições de produção. Esse quadro cênico possibilita uma circunscrição do enunciador, engenhada na busca por atestar a própria enunciação, isto é, por meio da cenografia.

Dessa cenografia, emerge o que o autor concebe como o *ethos* discursivo. Entendida como, ao mesmo tempo, discursiva, interativa e sócio-histórica, a noção diz respeito a como se configura a imagem que suscita a adesão de sujeitos ao mundo ético engendrado pelo fiador de um discurso. A adesão se

concretiza por meio da identificação do coenunciador com índices de diversas ordens, que servem à construção da representação que este forma do fiador, levando, assim, o coenunciador a se identificar com o tom, o caráter e a corporalidade do fiador, aspectos legitimados na cenografia e pela cenografia, supostos pelo próprio posicionamento do fiador, que dá aval para a cena de enunciação. Esse processo é entendido como incorporação do *ethos* discursivo (Maingueneau, 2020).

Ainda três dimensões são diferenciadas sobre o *ethos*: 1. a dimensão categorial (papéis discursivos e estatutos extradiscursivos), 2. a dimensão experiencial (caracterizações sociopsicológicas) e 3. a dimensão ideológica (posicionamentos de campos discursivos). Todos esses elementos interagem conjuntamente para a formação tanto da imagem do fiador quanto da representação que o coenunciador forma do fiador sobre o modo desse enunciar. Certos fiadores, como é o caso de figuras públicas como Jair Bolsonaro, carregam, sob o tecido da imagem, etiquetas características, estereótipos vinculados, posicionamentos já conhecidos pelo público, o que leva Maingueneau (2020) a diferenciar um *ethos* pré-discursivo, com base em enunciados e ações sustentados pelo fiador e com base em avaliações já feitas pelo público. Resultando desse *ethos* pré-discursivo e do *ethos* discursivo, há, então, o *ethos* discursivo efetivo. Adiante relacionamos estudos dos campos das Ciências Sociais e Políticas sobre Jair Bolsonaro à noção de *ethos* pré-discursivo, a fim de contextualizarmos o posicionamento a que se vincula o sujeito enunciador.

O CAMPO POLÍTICO DA DIREITA DE BOLSONARO E O *ETHOS* PRÉ-DISCURSIVO

O recrudescimento da direita desde a redemocratização, por volta dos anos 1980, é, para Rocha (2021, posição 488), fruto da inconformidade à política de distensão elaborada pelo general Ernesto Geisel na década anterior (1974-1979), e, principalmente, em reação à redemocratização, “conduzida aos trancos e barrancos”, pelo general João Batista Figueiredo (1979-1985); surge daí um movimento subterrâneo de direita.

O governo do PT, durante 13 anos, além de não ter considerado em seus cálculos uma fissura geracional, com o desenvolvimento de uma juventude de direita, possibilitou, para parte da direita brasileira, um posicionamento

político contra o *establishment*, ou seja, com *performance* revolucionária. A direita liberal-conservadora, nesse sentido, vem às ruas em oposição à vitória de Dilma Rousseff, em 2010, e à instalação da Comissão da Verdade em 2011. Partindo-se de dois tópicos principais, a saber: o comunismo e a ideologia de gênero, essa vertente da direita colocava-se como “oprimida” por um *establishment* também cultural da esquerda, que, na visão dos inscritos nesse mundo ético, promovia o lar do “marxismo cultural” (Rocha, 2021, posição 871).

O fortalecimento do espectro da direita liberal-conservadora abala o que Santos e Tanscheit (2019) caracterizam como ruptura à habitual competição político-partidária vigente desde 1994 até 2018, no Brasil, que marcou o fim da polarização entre o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e o PT, devido à vitória do ex-presidente Jair Bolsonaro, que relegou, nos termos de Bobbio (1995), a “direita moderada” ao se tornar líder da “direita radical”.

Ao desenvolverem um modelo tipológico de políticos da direita brasileira, Codato, Berlatto e Bolognesi (2018) elencam cinco tipos, que nos ajudam a compreender em qual se encontra Bolsonaro no espectro político: 1. o político profissional da direita tradicional, 2. o político da nova direita popular, 3. o político da direita populista, 4. o político da direita neoliberal e 5. o político da direita libertária. Segundo os autores, Jair Bolsonaro faz parte daqueles políticos que se enquadram na direita populista, que, no entender de Rodrigues e Ferreira (2020), em um momento de transição do século XX ao XXI, é concebida com uma nova forma de articulação política ao deleitar-se na sociedade das redes digitais.

Nesse contexto, Rocha (2021, local. 1943) analisa a “mentalidade bolsonarista” a partir do conceito de “guerra cultural”: a busca pela essência e seus conflitos contra aquilo que poderia relativizá-la, ou seja, “um entendimento fundamentalista do mundo, cujo corolário é a eliminação sumária do outro, sempre visto como inimigo”. Dois procedimentos dessa retórica são destacados pelo autor: a “desqualificação nulificadora” e a “hipérbole descaracterizadora”. A primeira é uma forma de redução do outro ao nada, ao inumano, não humano, o que permite sua eliminação, pelo menos inicialmente, simbólica. O segundo procedimento, que privilegiaremos a seguir, diz respeito às reiterações forçadas de redundâncias, em uma tentativa de balizar a interpretação, desmobilizar o questionamento e colocar suas proposições como um bloco em que aceitar uma delas implica aceitar o todo. A recorrência a uma ideia ampla de guerra cultural singulariza o fenômeno do discurso de

Bolsonaro naquilo que o diferencia e ao mesmo tempo o caracteriza: seu tratamento com o Outro conspiratório.

Assim, retomando, podemos dizer que Bolsonaro coloca-se – ou é colocado – como porta-voz da nova direita populista e, para alguns autores, da nova extrema-direita. Relaciona-se a isso o *ethos* pré-discursivo de um político que se coloca como patriota e religioso, lembrado pelo lema “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, que preza pelo combate à corrupção consolidada, segundo esse mundo ético, por partidos esquerdistas, sobretudo pelo PT, que, durante longos anos, alimentou a hegemonia do Estado e das causas sociais à custa da marginalização da economia, da segurança e da civilidade (Rocha, 2021).

Expostas as breves reflexões sobre as condições de produção e sobre o *ethos* pré-discursivo, o que se seguirá atesta que o discurso institucional tem um duplo princípio formador: a “estabilização de enunciados” conjugado ao “apagamento da conflitualidade” (Krieg-Planque, 2018, p. 25).

A DIREITA SURTIU DE VERDADE

Contrariamente à separação da língua em camadas (pragmática, semântica, sintaxe...), Possenti (2002, p. 18) defende que o discurso não pode ser reduzido a uma camada, tendo em vista que é um “um tipo de sentido – um efeito de sentido, uma posição, uma ideologia – que se materializa na língua”, ou seja, é possível perscrutar o discurso até na suposta neutralidade da sintaxe, cuja relação não é biunívoca. Uma análise discursiva, dessa forma, salvo por coerções e recortes metodológicos específicos, não deve se ater a uma única camada. Assim, cara à AD, a aliança proposta de áreas é em razão da defesa de que empreendimentos distintos podem trazer luz à completude do conhecimento sobre um discurso. Como explica Maingueneau (1997), quaisquer aparatos teórico-metodológicos podem ser convocados, quando em acordo com os objetivos propostos.

Assim, no Quadro 2, transcrevemos o pronunciamento na íntegra, respeitando a formatação dos parágrafos e a pontuação tal como são disponibilizadas no *site* da Biblioteca da Presidência da República. Enumeramos os parágrafos para facilitar a localização e evitar a repetição deles ao longo da análise. Em seguida, procedemos a uma análise interpretativa do pronunciamento, de base

qualitativa, privilegiando atenção às materialidades linguagueiras. Para isso, recorremos a autores cujos trabalhos versam sobre discurso (Maingueneau, 2020; Krieg-Planque, 2018; Rocha, 2021) e semântica (Ducrot, 2020; Fiorin, 2014; Travaglia, 2016; Perini; Fulgêncio, 2011; Caçado, 2008; Guimarães, 2001), e, pontualmente, a autores da linguística funcional (Neves, 2022; Oliveira, 2017; Ilari; Basso, 2014a e 2014b; Silva, 2008; Hengeveld, 2004).

Quadro 2 – Pronunciamento presidencial de Jair Bolsonaro

Brasília, 01 de novembro de 2022.

1§ Quero começar agradecendo os 58 milhões de brasileiros que votaram em mim no último dia 30 de outubro.

2§ Os atuais movimentos populares são fruto de indignação e sentimento de injustiça de como se deu o processo eleitoral. As manifestações pacíficas sempre serão bem-vindas, mas os nossos métodos não podem ser os da esquerda, que sempre prejudicaram a população, como invasão de propriedades, destruição de patrimônio e cerceamento do direito de ir e vir.

3§ A direita surgiu de verdade em nosso país. Nossa robusta representação no Congresso mostra a força dos nossos valores: Deus, pátria, família e liberdade.

4§ Formamos diversas lideranças pelo Brasil. Nossos sonhos seguem mais vivos do que nunca. Somos pela ordem e pelo progresso.

5§ Mesmo enfrentando todo o sistema, superamos uma pandemia e as consequências de uma guerra.

6§ Sempre fui rotulado como antidemocrático e, ao contrário dos meus acusadores, sempre joguei dentro das quatro linhas da Constituição. Nunca falei em controlar ou censurar a mídia e as redes sociais. Enquanto Presidente da República e cidadão, continuarei cumprindo todos os mandamentos da nossa Constituição.

7§ É uma honra ser o líder de milhões de brasileiros que, como eu, defendem a liberdade econômica, a liberdade religiosa, a liberdade de opinião, a honestidade e as cores verde-amarela da nossa bandeira.

8§ Muito obrigado.

Fonte: Elaborado pelos autores.

O pronunciamento é composto por 216 palavras e oito parágrafos. Seus temas são relativamente bem distinguidos: o primeiro e último parágrafos comportam-se como um movimento de abertura e de fechamento da fala. O segundo parágrafo tem como tema as manifestações populares, o terceiro, quarto e quinto parágrafos, respectivamente, tematizam o fortalecimento da direita, ao passo que o sexto e sétimo parágrafos têm como tema os valores de sua liderança. O que nos interessa, perante as perguntas levantadas e dentro dos limites de um artigo, é o que se segue: a materialização em formas

linguísticas da hipérbole descaracterizadora (Rocha, 2021), a admissão da derrota eleitoral e a construção do *ethos* discursivo (Maingueneau, 2020).

A HIPÉRBOLE DESCARACTERIZADORA E A RELAÇÃO COM SEU OUTRO

Sob a definição de Rocha (2021) de “hipérbole descaracterizadora”, o discurso bolsonarista percebe seu Outro como conspiratório, lançando mão de formas sintáticas como (1) a oração adjetiva explicativa “que sempre prejudicaram a população”, no segundo parágrafo, que faz “evocação de uma propriedade característica” (Pêcheux, 2011, p. 132) e como (2) o estado de coisas na construção passiva “Sempre fui rotulado como antidemocrático”, no quinto parágrafo, que permite a omissão do agente, embora seja recuperável contextualmente (“ao contrário dos meus acusadores”) que “acusadores” funcionaria como agente da passiva. O interessante nessa última estrutura é a reformulação de “rotulador” para “acusador”. O verbo “rotular”, enquanto função de “estabelecer certa perspectiva segundo a qual será conceitualizado o estado-de-coisas descrito” (Ilari; Basso, 2014b, p. 66), focaliza, nesse contexto, uma suposta banalização ou ignorância da maneira como o Outro classifica o Mesmo.

No campo argumentativo, identifica-se, a partir de Guimarães (2001), que a conjunção concessiva “mesmo”, no último período do quinto parágrafo, enquanto operador argumentativo, anteposto à oração principal, estabelece relação de antecipação do contraponto, tornando predominante o argumento da oração principal. Tem-se, aqui, outra dimensão da hipérbole descaracterizadora, a de balizar obstinadamente a interpretação daqueles que se encontram inscritos nesse discurso: a antecipação do argumento como “já refutado” aponta para uma impossibilidade de lacuna entre a palavra e o referente.

Ainda na relação com seu Outro, a esquerda, corroborando a tese de Rocha (2021) de que a retórica bolsolavista necessita delimitar “precisamente” seu Outro, a enumeração, uma figura de retórica de acumulação (Fiorin, 2014, p. 141), “consiste em enumerar os diversos aspectos de um objeto ou evento”: nesses casos, elas se relacionam como o *ethos* dito e funcionam como reafirmação dos valores defendidos pelo Mesmo (“Deus, pátria, família e liberdade”; “Somos pela ordem e pelo progresso”; “como eu, defendem a liberdade

econômica, a liberdade religiosa, a liberdade de opinião, a honestidade e as cores verde-amarela da nossa bandeira”) ou ainda a enumeração funciona como explicitação das ações do Outro (“os nossos métodos não podem ser os da esquerda, que sempre prejudicaram a população, como invasão de propriedades, destruição de patrimônio e cerceamento do direito de ir e vir”), índices que corroboram o apelo discursivo populista de uma política polarizadora e, ao mesmo tempo, aglutinadora de demandas (Rodrigues; Ferreira, 2020, p. 1072-1074).

Especificamente, a enumeração dos sintagmas nominais “invasão de propriedades, destruição de patrimônio e cerceamento do direito de ir e vir” como adversativos à representação de “manifestação pacífica”, ou seja, como uma conclusão *não-o-r* (Guimarães, 2001, p. 111), parece indicar que o operador argumentativo “mas” tenta refutar outra conclusão interdiscursiva de “As manifestações pacíficas sempre serão bem-vindas”: “mesmo que bloqueiem o tráfego e o fluxo econômico, elas serão bem-vindas, desde que sejam pacíficas”.

Ademais, o discurso bolsonarista busca também delimitar-se dentro do próprio espectro da direita, afirmando-se como “verdadeiro”: o sintagma preposicionado “de verdade”, no terceiro parágrafo, assume função adverbial (“a direita surgiu verdadeiramente”) de adequação a um protótipo (Ilari; Basso, 2014a, p. 314) legítimo da representação de Jair Bolsonaro do que é a direita, e, interdiscursivamente, expressa que outros surgimentos da direita são considerados ilegítimos.

O SENTIMENTO DOS INCONFORMADOS

Quanto ao reconhecimento do processo eleitoral, identificamos duas estratégias discursivas salientes: a opacidade e o distanciamento modal.

Em “Os atuais movimentos populares”, no segundo parágrafo, ao categorizar as ações de inconformidade dos apoiadores de Bolsonaro como “populares”, em oposição, por exemplo, a “golpistas”, o enunciador dialoga com a interdiscursividade. A valência da nominalização deverbal “movimentos” pode ser preenchida, na posição de agente, pelo adjetivo denominal “populares”. Pela opacidade, pode-se ler “populares” como aquilo que se aproxima do Povo como instância transcendente que sintetiza o Desejo de uma Nação (e aqui não seria totalmente indefensável uma aproximação de Bolsonaro) ou também

como atos espontâneos, “não hierárquicos” no sentido de não terem um líder orquestrando o movimento (aqui, um distanciamento).

No segundo parágrafo, as nominalizações “indignação” e “sentimento de injustiça”, que provêm de verbos cuja valência requer um sujeito no papel temático de experienciador (Cançado, 2008, p. 112) como razão para a existência dos “movimentos populares”, podem indicar uma estratégia discursiva de evitar o comprometimento de caracterizar a eleição como questionável. Por meio do papel temático de experienciador, evita-se a responsabilidade, por parte de Bolsonaro, de uma avaliação do “evento-em-si” como injusto ao indicar que “injustiça” e “indignação” são a representação e o estado construídos/sentidos pelos eleitores inconformados.

Há, evidentemente, no segundo período do segundo parágrafo (“As manifestações pacíficas sempre serão bem-vindas”), uma avaliação direta em “bem-vindas” pelo emparelhamento de papéis temáticos: coisa qualificada + (cópula) + qualidade (Perini; Fulgêncio, 2011, p. 157). A avaliação, enquanto inscrição de um posicionamento, serve à manutenção do distanciamento de Bolsonaro das ações de seus apoiadores, vistas pelo STF como antidemocráticas (Brasil, 2022).

Ainda no mesmo trecho, joga-se com a referência definida e genérica (Neves, 2022, p. 128-129) em “As manifestações pacíficas”: na referência definida, tem-se correferência do sintagma anterior com “Os atuais movimentos populares”, inclusive partitiva (“Os movimentos populares que forem pacíficos”); na genérica/universal, que é a que somos tentados a acatar, tem-se, o que é autoexplicativo do tipo de referência, “todas” ou “qualquer” manifestação. Respectiva a uma obrigação ou permissão legal, social ou moral (Hengeveld, 2004), a modalidade deôntica da oração seguinte (“mas os nossos métodos não podem ser os da esquerda”), no presente atemporal, contribui para uma interpretação genérica da referência. Nessa opacidade, típica do discurso político (Krieg-Planque, 2018, p. 171-200), o destinatário da repreenda permanece turvo: os agentes dos atuais movimentos ou um auditório universal de agentes (já/ainda não) inscritos.

Por sua vez, a perífrase verbal “continuar + gerúndio”, em “continuarei cumprindo todos os mandamentos da nossa Constituição”, no sexto parágrafo, para Travaglia (2016, p. 223), indica aspecto durativo (duração temporal limitada) e começado/não acabado (já iniciado e não terminado), que se soma ao aspecto imperfectivo (ação incompleta) e cursivo (em pleno desenvolvimento):

ao conectar aspectualmente o momento anterior, posterior ao presente de enunciação, estabelece-se, discursivamente, um efeito de coerência e permanência indefinida do estado de coisas que assinala o compromisso com os valores democráticos.

O ETHOS DISCURSIVO DE UM DERROTADO?

Antes apresentamos que o foco do enunciador privilegia (1) a hipérbole descaracterizadora (Rocha, 2021) e a relação com seu Outro, delimitando precisamente o fechamento do Mesmo e do Outro, (2) a imprecisão em admitir a própria derrota e (3) o reconhecimento com distanciamento do sentimento de seus eleitores inconformados. Assim, no que diz respeito ao *ethos* discursivo, dados os limites deste artigo, quatro estratégias são observadas: 1. aproximação entre o enunciador e seus eleitores, 2. demonstração de confiança, 3. certeza sobre as afirmações e 4. alinhamento a valores democráticos.

No primeiro parágrafo, o comentário metatextual da abertura é expresso por meio da modalidade volitiva “Quero começar agradecendo”, respectiva ao que é desejado (Hengeveld, 2004), apresenta valor semântico de intenção, isto é, uma volição para realizar o evento, que é controlado, subjetivo e potencialmente realizável (Oliveira, 2017, p. 50). O falante autoriza-se e expressa a relevância do destinatário-eleitor. Em “líder de milhões de brasileiros que, como eu, defendem”, a relação de reciprocidade, por meio da preposição comparativa “como”, iguala o presidente ao povo. Opera-se, enunciativamente, uma relação de igualdade de valores entre o representante e o representado, o que caminha na direção de liquefazer a contundente distância entre esses papéis sociais distintos.

Na oração “Nossos sonhos seguem mais vivos do que nunca”, o grau escalar (Silva, 2008), por estar entre o nível aumentativo e o nível máximo (“mais vivos do que nunca”), ao mesmo tempo que destaca o nível elevadíssimo da escalaridade até o presente momento, implica o não alcance de seu limite, de forma que, a partir disso, indica um horizonte ainda possível de “mais vividez” dos sonhos da direita, demonstrando a dimensão experiencial de um fiador confiante. Ao apontar a lacuna nesse horizonte, o emprego comparativo aproxima-se de uma função perlocutória e ilocutória de “chamar à ação”.

No pronunciamento, o uso dos advérbios “sempre” e “nunca”, de aspecto iterativo com noção de permanência (Castilho; Ilari, 2014), contribui para uma coerência temporal, isto é, goza da imutabilidade das ações. Acrescentado à dimensão experiencial de fiador confiante, esse modo de dizer se relaciona a traços sociopsicológicos de um enunciador categórico, por deslocar as ações para além da temporalidade relativa.

Na autoridade conferida pela dimensão categórica de “presidente”, “líder” e “cidadão”, legitimada pelos valores religiosos e patrióticos – portanto, vinculados, pelo *ethos* dito, a uma dimensão ideológica integralista (“Deus, pátria e família”) e liberal (“liberdade econômica”) –, a dimensão experiencial de um fiador confiante e categórico se conecta a um caráter resolutivo: o fiador utiliza estratégias para evitar e controlar o Outro, que poderia “esgueirar-se” pelas lacunas de sua fala, ao mesmo tempo que demonstra certeza sobre o que diz para os coenunciadores.

Cabe pontuar que a corporalidade é posta de maneira implícita. Bolsonaro expõe (1) como o Outro age no espaço social (“nossos métodos não podem ser os da esquerda... como invasão... destruição... cerceamento...”) e ordena que as práticas dos adeptos ao mundo ético não sejam as mesmas, isto é, não diz como eles devem agir, mas diz como não devem agir, e expõe (2) como o Mesmo age no espaço social (“Formamos diversas lideranças”; “Nossa robusta representação”), isto é, como um sujeito atuante e engajado politicamente. A corporalidade implícita corrobora o apelo à legitimidade institucional por meio de um tom democrático, perceptível por Jair Bolsonaro: reconhecer o número de votos, a robusta representação no Congresso, os valores da democracia e ao criticar as manifestações violentas e negar a censura à mídia e às redes sociais.

Das formas do dizer de Bolsonaro, menos do que buscar suscitar adesão a possíveis novos coenunciadores, a estratégia de Jair Bolsonaro buscou reafirmar aos coenunciadores já inseridos em seu mundo ético os valores de seu posicionamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os resultados obtidos, podemos categorizá-los nas seguintes estratégias: (1) a recorrência do fiador em abordar a relação com o Outro,

tentando minar possíveis efeitos de sentido indesejados por Bolsonaro, (2) a vaguidão em admitir a própria derrota, tentando desmobilizar manifestações violentas (3) ao passo que reconhece a razão da inconformidade, atribuída a seus eleitores e (4) as estratégias de aproximação entre o enunciador e seus eleitores, (5) de demonstração de confiança, (6) de certeza sobre as afirmações e (7) de alinhamento a valores democráticos.

A relação que o discurso bolsonarista tem com seu Outro, com base nos resultados em diversos momentos da análise, assemelha-se ao funcionamento da “fantasia ideológica totalitária” (Žižek, 2017), que busca, por meio da construção do espectro de um Outro precisamente definível, cujas características beirariam o Absoluto em sua versão absurda, alarmante e atemporal, suturar a contradição presente na própria configuração do Mesmo: as insatisfações de uma existência em um sistema político-econômico são dirigidas aos que querem miná-lo, disfarçados de soberanos do próprio sistema. Diante da presença de um Outro completo e conspiratório, não seria impraticável construir um Mesmo monolítico em seu discurso, como se pode perceber pelas afirmações categóricas no pronunciamento de Bolsonaro. Consonante à tese de Žižek (2017), a lógica que vigora no discurso de Bolsonaro é a de que os adversários espreitam sua derrocada, como afirma Rocha (2021) sobre o discurso bolsonarista, e, por isso, a presença contundente do *ethos* dito e as enumerações são marcas da necessidade da delimitação e do fechamento da identidade característicos do discurso bolsonarista, o que não extingue completamente todas as margens interpretativas.

Por fim, retomando as perguntas postas inicialmente, explicitamente, Bolsonaro não reconhece a derrota, porém o reconhecimento da quantidade de votos computados e o argumento da força da direita no Congresso exprimem, pelo tom democrático, uma conformidade com o sistema eleitoral. Tem-se, aqui, por consequência inferencial, o reconhecimento da veracidade do processo eleitoral e, implicitamente, de sua derrota. Contudo, ao não expressar explicitamente a vitória do adversário ou sua derrota, é possível a abertura à indeterminação e à equivocidade, que, quando levadas em conta como recurso de enunciação (Krieg-Planque, 2018, p. 171-178), têm o potencial de aglutinar demandas: é feito um distanciamento quanto às manifestações, ao mesmo tempo que, no equívoco, pode-se entrever uma possível agitação dessas, embora com limitações.

Não se deve, assim, desconsiderar a força da opacidade de um discurso político-institucional. Embora, como já atestamos, haja reconhecimento implícito da derrota, as lacunas do dizer no pronunciamento, diferentemente das lacunas em que o Outro possa se esgueirar, já que essas são cautelosamente preenchidas, podem ser preenchidas com base nas possibilidades do dizível e do permissível para um discurso, e os pontos do não dizer são reféns do entendimento dos coenunciadores da forma como a matriz discursiva desse posicionamento poderia compreender.

Quanto à segunda pergunta, os índices linguageiros sobre o *ethos* projetado pelo modo de dizer não remetem à imagem de um político derrotado, pelo contrário, o *ethos* é de tom democrático, caráter resolutivo e corporalidade engajada politicamente. Por fim, pesquisas futuras que coloquem à prova as estratégias linguístico-discursivas em contraposição à dimensão multimodal de Jair Bolsonaro, aparentemente incoerentes, podem trazer novas nuances sobre o *ethos* discursivo do ex-presidente em seu pronunciamento pós-eleitoral.

The discursive ethos of Jair Bolsonaro in the post-electoral pronouncement of 2022: a discursive analysis

Abstract

Based on the theoretical-methodological apparatus from French discourse analysis (Maingueneau, 1997, 2010, 2015, 2020), we aim to analyze Jair Bolsonaro's discursive ethos formed in the post-electoral speech (1° November 2022) of 2022 Brazilian elections, in order to investigate the hypothesis that Bolsonaro may or may have not admitted defeat in these discursive dimensions. The results reveal an ethos with a democratic tone and resolute character. While these traits might coincide with his implicit admission of defeat and comply with the Democratic State, they aim to reaffirm mainly the certainty of the dominion of Bolsonarist values and of the necessary interdiscursive neutralization of their Other.

Keywords

French discourse analysis. Political discourse. Jair Bolsonaro.

REFERÊNCIAS

BOBBIO, N. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. Tradução Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora da Unesp, 1995.

BOUÇAS, C. Em fala a apoiadores após derrota nas eleições, Bolsonaro faz discurso dúbio. *Valor Econômico*, 9 dez. 2022. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2022/12/09/em-fala-a-apoiadores-apos-derrota-nas-eleicoes-bolsonaro-faz-discurso-dubio.ghtml>. Acesso em: 17 jan. 2024.

BRASIL. Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental 519/DF. Brasília: Supremo Tribunal Federal, 31 out. 2022. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 26A1-9C74-4DB4-50A3 e senha FB02-D896-EABE-7A4A. Acesso em: 17 jan. 2024.

CANÇADO, M. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFGM, 2008.

CASTILHO, A. T.; ILARI, R. Advérbios predicadores. In: ILARI, R. (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2014. v. 3, p. 275-310.

CODATO, A.; BERLATTO, F.; BOLOGNESI, B. Tipologia dos políticos de direita no Brasil: uma classificação empírica. *Análise Social*, v. 53, n. 229, p. 870-897, 2018. DOI 10.31447/as00032573.2018229.02

COSTA, M.; PAZ, M.; SAID, F. Em 1º pronunciamento, Bolsonaro não reconhece derrota e fala em cumprir a Constituição. *Metrópoles*, 1º nov. 2022. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/eleicoes-2022/bolsonaro-faz-primeiro-pronunciamento-apos-derrota-nas-eleicoes>. Acesso em: 17 jan. 2024.

DUCROT, O. *O dizer e o dito*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2020.

FIORIN, J. L. *Figuras de retórica*. São Paulo: Contexto, 2014.

GUIMARÃES, E. *Texto e argumentação: um estudo de conjunções do português*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2001.

HENGEVELD, K. Illocution, mood, and modality. In: BOOIJ, G.; LEHMANN, C.; MUGDAN, J. (ed.). *Morphology: a handbook on inflection and word formation*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p. 1190-1201.

ILARI, R.; BASSO, R. M. Advérbios verificadores. In: ILARI, R. (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2014a. v. 3, p. 311-328.

ILARI, R.; BASSO, R. M. O verbo. In: ILARI, R. (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2014b. v. 3, p. 65-242.

KRIEG-PLANQUE, A. *Analisar discursos institucionais*. Uberlândia: Edufu, 2018.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Campinas: Pontes, 1997.

MAINGUENEAU, D. *Doze conceitos em análise do discurso*. Organização Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva e Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2010.

MAINGUENEAU, D. *Discurso e análise do discurso*. 3. reimp. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2015. *E-book*.

MAINGUENEAU, D. *Variações sobre o ethos*. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2020.

MATTOS, M. Bolsonaro não reconhece derrota e sai do poder pela porta dos fundos. *Veja*, 30 dez. 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-nao-reconhece-derrota-e-sai-do-poder-pela-porta-dos-fundos>. Acesso em: 17 jan. 2024.

NEVES, M. Referenciar. In: NEVES, M. H. M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2022. p. 75-130.

OHANA, V. Derrotado, Bolsonaro quebra silêncio sem reconhecer abertamente o resultado da eleição. *Carta Capital*, 1º nov. 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/derrotado-bolsonaro-quebra-o-silencio-sem-reconhecer-abertamente-o-resultado-da-eleicao/>. Acesso em: 17 jan. 2024.

OLIVEIRA, A. S. *Modalidade volitiva em língua espanhola nos discursos do papa Francisco em viagem apostólica*. 2017. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

PÊCHEUX, M. *Análise de discurso: textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2011.

PERINI, M.; FULGÊNCIO, L. O emparelhamento temático e a análise do predicativo em português. *Revista da Abralin*, v. 10, n. 1, p. 149-202, jan./jun. 2011.

POSSENTI, S. O discurso não é uma camada. In: POSSENTI, S. *Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito*. Curitiba: Criar Edições, 2002. p. 15-25.

PRONUNCIAMENTO do Presidente da República, Jair Bolsonaro, no Palácio da Alvorada. Biblioteca da Presidência da República, 2022. Disponível em: <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/pronunciamentos-oficiais/pronunciamento-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-no-palacio-da-alvorada-1>. Acesso em: 17 jan. 2024.

ROCHA, J. C. C. *Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político*. Goiânia: Caminhos, 2021. *E-book*.

RODRIGUES, T.; FERREIRA, D. Estratégias digitais dos populismos de esquerda e de direita: Brasil e Espanha em perspectiva comparada. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 59, n. 2, p. 1070-1086, maio/ago. 2020.

SANTOS, F.; TANSCHKEIT, T. Quando velhos atores saem de cena: a ascensão da nova direita política no Brasil. *Colombia Internacional*, n. 99, p. 151-186, 2019.

SILVA, J. R. *Motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas nos processos de intensificação*. 2008. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. 5. ed. Uberlândia: Edufu, 2016.

ŽIŽEK, S. Entre a ficção simbólica e o espectro fantasmático: rumo a uma teoria laciana da ideologia. In: ŽIŽEK, S. *Interrogando o real*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 243-263.